

Lon Milo DuQuette  
Christopher S. Hyatt, Ph.D.



# *A Goetia Ilustrada de Aleister Crowley: Evocação Sexual*

Ilustrada por:  
David P. Wilson

*Tradução:*  
André Oídes



MADRAS®

# Índice

1. A natureza do mal .....	11
A psicologia clínica e a evocação da <i>Goetia</i> .....	13
Tabus.....	15
2. A interpretação iniciática da Mágicka Cerimonial, por Aleister Crowley.....	18
3. O perigo da Alta Mágicka.....	23
Com minhas costas contra a parede.....	25
4. Primeira evocação.....	28
Orobas.....	29
Um alerta.....	37
5. História.....	39
Teoria.....	41
Prática.....	42
6. Requisitos mínimos.....	44
O Templo.....	44
O Círculo.....	45
O Triângulo.....	46
O Selo do Espírito.....	46
O Hexagrama de Salomão.....	47
O Pentagrama de Salomão.....	48
Outros Requerimentos.....	48

A Vara .....	48
O Anel ou Disco Mágico .....	49
A Garrafa de Bronze .....	50
A Túnica.....	50
7. A invocação preliminar da <i>Goetia</i> .....	51
A invocação preliminar da <i>Goetia</i> (Notas do <i>Liber Samech</i> ) .....	52
Hekas Hekas Esti Bebiloi.....	52
O juramento .....	52
Ar .....	54
Fogo .....	54
Água.....	55
Terra.....	55
Espírito.....	56
A conjuração .....	57
A primeira conjuração.....	59
A primeira chave.....	62
A segunda chave .....	63
A incumbência do espírito .....	64
A licença para partir.....	65
8. Os 72 espíritos.....	67
Introdução: Da <i>Goetia</i> .....	69
Observações .....	69
Bael .....	72
Agares .....	73
Vassago .....	74
Samigina .....	75
Marbas.....	76
Valefor .....	77
Amon.....	78
Barbatos .....	79
Paimon .....	80
Buer.....	81
Gusion .....	82
Sitri.....	83

---


Beleth .....	84
Leraje .....	85
Eligos .....	86
Zepar .....	87
Botis .....	88
Bathin.....	89
Sallos.....	90
Purson .....	91
Marax .....	92
Ipos.....	93
Aim .....	94
Naberius .....	95
Glasia-Labolas .....	96
Buné .....	97
Ronové .....	98
Berith.....	99
Astaroth.....	100
Forneus.....	101
Foras.....	102
Asmoday .....	103
Gaap .....	104
Furfur .....	105
Marchosias .....	106
Stolas.....	107
Phenex.....	108
Halphas .....	109
Malphas.....	110
Raum.....	111
Focalor .....	112
Vepar.....	113
Sabnock.....	114
Shax .....	115
Viné.....	116
Bifrons.....	117
Uvall.....	118
Haagenti .....	119

Crocell.....	120
Furcas.....	121
Balam.....	122
Alloces.....	123
Camio.....	124
Murmur.....	125
Orobas.....	126
Gremory.....	127
Osé.....	128
Amy.....	129
Oriax.....	130
Vapula.....	131
Zagan.....	132
Volac.....	133
Andras.....	134
Haures.....	135
Andrealphus.....	136
Cimejes.....	137
Amdusias.....	138
Belial.....	139
Decarabia.....	140
Seere.....	141
Dantalion.....	142
Andromalius.....	143
9. A evocação da <i>Goetia</i> e os tipos psicológicos.....	144
Tipos de pessoas e tipos de espíritos.....	145
10. EnTraNDo eM TraNsE e O ÊxTasE SeXuAL: e vocação da <i>Goetia</i> e o orgasmo da morte.....	148
Seu transe sexual.....	149
Alguns pensamentos para se ter em mente.....	150
Apêndice.....	151
Ritual menor de banimento do Pentagrama.....	157
A Cruz Cabalística.....	157
Banimento.....	157
Finalização.....	158



# Capítulo Um

## A natureza do mal

 propósito desta seção é estimular, por meio da metáfora e da analogia, uma compreensão das operações *goéticas* e do conceito do Mal. Pela metáfora, podemos apenas pintar um quadro. As formas e cores só podem ser percebidas por meio da meditação sobre as metáforas e a realização da própria obra. Não há substitutos para esta última e, embora muitos não tenham praticado a evocação goética da forma como esta é classicamente descrita, eles evocaram “sem saber”, repetidas vezes, as mesmas poderosas forças e demônios que tanto os ajudaram quanto atrapalharam.

Assim como muitos de vocês, eu “inventei” meus próprios rituais e dei meus próprios nomes a essas forças. Às vezes dei a elas nomes próprios como John, meu vizinho, quando sua TV está alta demais. Outras vezes, chamei essas forças de mãe, amigo, o sistema “Isto” ou “eu”.

Às vezes me beneficieei ao “chamar” esses “Nomes” e às vezes sofri. Contudo, nem o benefício nem a dor me fizeram rejeitar os “uivos”<sup>1</sup> e simplesmente buscar apenas o conforto da “*Alta Mágicka*”.\* Se é que tomo o partido de alguma coisa, é da aceitação de *tudo* (exceto, talvez, da

---

1. “*Goetia* significa ‘uivo’; mas esta é a palavra técnica empregada para cobrir todas as operações daquela *mágicka* que lida com forças grosseiras, malignas ou não iluminadas.” – Aleister Crowley

\*N.T.: O termo *mágicka* refere-se ao neologismo inglês *magick*, cunhado por Aleister Crowley para referir-se a seu sistema de magia.

hipocrisia demonstrada por muitos magistas e místicos que buscam a luz fugindo da escuridão).

A *Goetia* é às vezes considerada como um curinga, algo que pode sair do controle, que expressa os desejos mais baixos do operador de controlar os outros e melhorar sua própria vida pessoal. E, de fato, esta potencial perda de controle, este perigo, o desejo de melhoria pessoal e grande poder é exatamente o que atrai muitas pessoas para a *Goetia*, enquanto deixa horrorizadas e repele outras. Muitos rotulam a *Goetia* como simplesmente o mal.

Encontrar o mal é um trabalho fácil. Simplesmente olhe para seu amigo, esposa, marido, mãe, pai, ou, aliás, para o “cara” da porta ao lado. A prática da *Goetia* é aquele outro cara, algo escuro, misterioso e poderoso, algo que diz ao mundo que você está interessado em si mesmo, na maestria, bem como na rendição (ver o Capítulo Dois em *Sex Magick, Tantra & Tarot: The Way of the Secret Love* [Mágicka sexual, tantra & Tarô: o caminho do amor secreto], The Original Falcon Press, para uma explicação da rendição e da maestria).

Aqueles que repudiam e temem a si próprios, frequentemente, consideram as práticas *goéticas* como um mal do pior tipo. A *Goetia* é frequentemente considerada um convite à loucura, à liberação de forças devoradoras e amedrontadoras. O que a *Goetia* é – é a liberação de você mesmo de seus próprios medos e ilusões por meio do confronto direto. A evocação *goética* é um convite para flertar com a relação de ambiguidade entre a “mente” e a “matéria”. Lembre-se, ninguém conhece a verdadeira natureza ou as ações de qualquer uma delas, e portanto todos os argumentos quanto à “realidade” dos espíritos *goéticos* são especulativos e abertos à revisão.

Permanece a questão: o que é o mal? Alguns especialistas acreditam que ele é a realização intencional de danos sem redenção. Enquanto esta definição pode dar aos especialistas um senso de conforto, a mim ela dá pouco. É muito fácil brincar com palavras e ideias. Por exemplo, de acordo com essa definição, Hitler poderia não ser considerado mau, uma vez que algumas pessoas acreditam que sem sua perseguição aos judeus Israel não teria sido fundada no fim dos anos 1940. Há sempre algum “bem” que nossa mente louca por “ordem” e “causas” pode encontrar para racionalizar ou justificar um evento horrível ou infeliz.

O mal é uma “exteriorização” e “objetivação” de algo temível, horripilante ou diferente. O mal pode ser um rótulo para algo tão simples quanto uma pessoa ou um objeto que nos frustra. O mal é dor.

O mal é o inimigo. O mal são os deuses de outros homens. O mal são os terrores da noite. O mal é o esmagador sentimento de desmoronar. Contudo, todas essas imagens são contrassensos. O mal, assim como outras ideias, existe porque nós, como humanos, existimos. A natureza não conhece o Mal, nem o Bem, nem, aliás, a Lei. Estas são criações da mente humana, “explicações” que nos ajudam a aquietar os “terrores da noite”. A mente humana exige a crença em “sua” ideia de “ordem” unicamente pelos propósitos da mente humana. Assim, a natureza do mal é a mente humana.

Cada um de nós é cheio de dúvidas, frustrações, medos e ansiedades. Esses demônios da alma são as partes ocultas de nosso eu. Eles são o eu repudiado, assim como a *Goetia* é a parte frequentemente repudiada da *Mágicka*. Nós normalmente não apresentamos nosso lado escuro aos outros. Raramente alguém lhe dirá seus próprios pontos fracos, e muito menos suas preocupações mais profundas. É muito mais fácil e frequentemente menos doloroso encontrar a escuridão fora de si mesmo.

Aquilo que apresento ao mundo, ou, aliás, aquilo que qualquer pessoa apresenta, é, na melhor das hipóteses, uma imagem ideal bem construída, algo desejado, esperado, algo que meu cérebro e minha cultura ajudaram a criar. Nossa máscara é uma ilusão, um pedaço da verdade, necessário, mas ainda assim apenas um pedaço da verdade.

## A PSICOLOGIA CLÍNICA E A EVOCÇÃO DA *GOETIA*

A psicologia, particularmente a psicologia terapêutica, lida com os medos e dúvidas das pessoas. Os psicólogos rotulam muitos desses medos como patologia. Os psicólogos seguiram cuidadosamente os passos do padre, que à sua maneira não científica simplesmente rotulava essas coisas como males ou possessões demoníacas. *O psicólogo clínico ordinário não é mais científico que o padre.*

Nas profundezas da caverna psicoterapêutica, o terapeuta ajuda o paciente a evocar as partes rejeitadas e escondidas de sua psique. O maior perigo para o terapeuta, e para o paciente, é a contratransferência do terapeuta. Quando essa contratransferência permanece inconsciente ou fica “fora de controle”, a terapia se torna perigosa e ineficaz. Os complexos (demônios) de ambos, terapeuta e paciente, misturam-se em um caldeirão arcaico. Pensa-se que todos os tipos de perigos estão à espreita. O sexo torna-se uma forte possibilidade; o

mesmo ocorre com as explosões de violência. Lembre-se, pensa-se que esses perigos sejam um resultado da perda de controle por parte do terapeuta (o operador), de seus próprios processos inconscientes, fantasias idealizadas, desejos insatisfeitos e características reprimidas. Quando isto acontece, acredita-se que tanto o terapeuta quanto o paciente estão à deriva em um mar tempestuoso, em um barco salva-vidas que está afundando.

Os medos e horrores da contratransferência são tão grandes que muitas leis estaduais proíbem explicitamente “relacionamentos duais” entre terapeuta e paciente; isto é, o terapeuta e o paciente não podem se envolver mutuamente em relacionamentos fora da segurança do modelo terapêutico. Os relacionamentos duais são considerados como o passar dos limites dos papéis entre o terapeuta e o paciente. Acredita-se que são necessários limites estritos entre o paciente e o terapeuta tendo em vista a cura do paciente. Isso se baseia na teoria de que a doença do paciente foi causada pela quebra de limites apropriados na infância.

A situação psicoterapêutica contém limites estritos dispostos por lei, por precedentes históricos e pela teoria.

O terapeuta torna-se um espelho para o paciente, no qual as aspirações e ideais mais elevados do paciente, bem como suas qualidades “sombrias” repudiadas, podem ser projetados. Alguns acreditam que a “superação” tanto das ilusões “sombrias” quanto das ilusões “ideais” seja fundamental para que o paciente enxergue a si próprio bem como os outros corretamente, em vez de enxergar as imagens e fantasias distorcidas originadas e fixadas na infância.

A decepção que o paciente sente quando suas ilusões são esmagadas pode ser devastadora. Quando suas ilusões sobre o terapeuta são esmagadas, suas autoilusões são ameaçadas. O paciente fica tanto irritado quanto deprimido. Se o terapeuta é um bom “operador”, ele sabe como ajudar o paciente a “esmagar” suas ilusões. Ele ajuda o paciente a se livrar de suas projeções e cisões. Ele sabe como ajudar o paciente a perceber que o terapeuta tem tanto qualidades “boas” quanto “más”, e que essas diversas qualidades podem residir na mesma pessoa ao mesmo tempo. O terapeuta não tem de ser cultuado nem rejeitado. O “ou isto ou aquilo” é a doença. Uma vez que o paciente perceba isso, ele também “sabe” que a mesma verdade se aplica a si próprio. Ele não é nem seu ideal nem sua escuridão. Estas compreensões óbvias, contudo, não podem ocorrer de uma maneira calma e objetiva; para que a resolução ocorra, ela frequentemente se

manifesta no calor, e às vezes na exaustão, da emoção intensa. Poder e força são necessários, e se este fato se manifesta no sentimento ou no comportamento extremos ou simplesmente em disposições de ânimo e testes “neuróticos”, isto importa pouco. O que importa é apenas que eles se manifestem, e o operador, pela definição da situação, deve estimulá-los e controlá-los de algum modo. Ele frequentemente os estimula mediante a quebra de um tabu, seja de fato ou por implicação. Ele frequentemente provoca e suborna o paciente para que este seja “travesso”.

Às vezes, o paciente é o operador e o terapeuta é o receptor. De fato, estes papéis mudam, mas não de uma maneira simples. O terapeuta às vezes fica “passivo” – apenas recebendo do paciente. Outras vezes, o terapeuta é “ativo”, enquanto o paciente recebe imagens e as comunica de volta ao terapeuta em formas disfarçadas.

O que você acaba de ler pode soar contraditório: limites estritos, violações deliberadas de limites, a própria situação dando ensejo a testes de limites, limites firmes, limites fluidos. Em algum sentido, tudo isto soa bastante “louco”: projeção, ilusão, realidade, limites, violações de confiança libertando uma pessoa da prisão de sua alma. Ainda assim, embora isso soe estranho e frequentemente não científico, se for realizado de maneira apropriada, os resultados desejados podem ocorrer. E, novamente, quais são esses resultados? Uma pessoa ajudando outra a alcançar aquilo que ela mais desesperadamente deseja, e ao mesmo tempo mais desesperadamente teme: controle sobre sua própria vida, livrar-se de ilusões devastadoras e repetitivas, livrar-se de reviver o passado repetidamente no presente. A terapia real ensina ao paciente como abraçar a totalidade de sua vida, não rejeitando nada, enxergando as limitações de seus ideais bem como a utilidade de suas fraquezas. A terapia real ensina a arte da violação, a quebra de tabus, a abertura dos portões tanto do céu quanto do inferno. A terapia real ensina estilo.

## TABUS

Os limites podem ser pensados como tabus (ver *Taboo: Sex, Religion & Magic* [Tabu: sexo, religião & magia], The Original Falcon Press). Tabus são atos, lugares e coisas que ninguém, exceto talvez o sacerdote, pode tocar sem punição. Tabus são “sujos”. As pessoas que quebram tabus são consideradas sujas e más. Porém,

em nossa sociedade, não é “suja” a escuridão que atrai atenção? O coletor de lixo é bem pago para remover os resíduos do viver. O funcionário de banco que manuseia centenas de milhares de dólares “sujos” recebe um salário menor que o do coletor de lixo. Qual é a natureza da sujeira, daquilo que é comum, que é ao mesmo tempo valorizado e desprezado por tantos? O dinheiro pode cumprir as ordens de qualquer um que o possua. O próprio dinheiro é apenas uma ilusão compartilhada. Ele não tem nenhum valor, exceto aquele que as pessoas lhe atribuem, e não tem nenhum poder, exceto por aquilo que as pessoas fazem com ele. A fluidez, a maleabilidade e a indiferença do dinheiro lhe dão um poder diferente de quase todo outro poder no mundo. O dinheiro estabelece limites e os destrói. O próprio dinheiro não se importa. E neste sentido, o dinheiro é semelhante aos demônios da *Goetia*. Eles trabalharão para qualquer um que saiba como usá-los. Este é um dos horrores que as pessoas atribuem aos trabalhos de *Goetia*. Você “não tem de ser respeitável” para que a *Goetia* funcione para si. Diferentemente de outros trabalhos mágicos, não há nenhuma implicação de que o operador tenha de ser “bom” e “santo” para obter resultados. Esta ideia em si mesma viola nosso modelo de “certo” e “errado”, “justo” e “injusto”. No mundo *goético*, assim como no mundo real, os “maus” podem prosperar e o fazem. Assim, nossa crença na ordem moral do universo parece ser violada pela simples existência de espíritos que cumprirão as ordens de qualquer pessoa.

A evocação *goética* é o lado “menos respeitável” e rejeitado da *mágicka*. Ela é o trabalho do coletor de lixo. Mas ela é também o lado mais íntimo da *mágicka*. Ela ensina o estabelecimento de limites, de testes, do suborno, da mentira e do engano. Ela fornece ao operador e ao receptor visões, sugestões e intuições. Ela atualiza aquilo que está escondido, o escuro, o ganancioso, o necessitado, o poderoso e o belo.

A evocação *goética* pode ser bastante desapontadora, e às vezes até mesmo horripilante, mas ela nunca pode ser tediosa. Diferentemente de uma criança, que determina o valor de seu conhecimento pela aprovação ou desaprovção de uma “autoridade superior”, nós aprendemos o valor de nosso trabalho *goético* por meio do sucesso ou falha de nosso próprio trabalho. Os espíritos *goéticos* **não** são os mestres do magista, mas seus servos. Nós não confiamos nos próprios espíritos para nos dizer que fomos bem. O trabalho da *Goetia* é mais “científico” do que outras formas de *mágicka*, em termos de nossa habilidade de medir seus efeitos e, em alguma medida, repetir nossos resultados.

Os trabalhos *goéticos* também podem ser potencializados pelo uso da hipnose e do sexo. O transe e a “exaustão” resultantes do êxtase sexual são métodos perfeitos de preparar a mente para receber informações mais poderosas e significativas.

Neste livro sobre a *Goetia*, fornecemos ao estudante um texto fácil de se usar, sobre como começar e se tornar um especialista na evocação da *Goetia*. Incluímos imagens dos espíritos da *Goetia*, não para limitar o estudante, mas para estimular a imaginação dele ou dela. Organizamos o texto de modo que o estudante não tenha de percorrer dúzias de páginas para encontrar aquilo que deseja ou de que necessita.

Igualmente importante, fornecemos uma técnica para o trabalho sexual dos espíritos da *Goetia*. Este é um método muito poderoso e sensual. Não tenho dúvida de que alguns leitores ficarão aterrorizados e horrorizados com o poder potencial que estas técnicas irão liberar. Sentimos, contudo, que, se você deseja praticar *mágicka*, deveria praticá-la em sua plenitude. Foram fornecidas técnicas de proteção, e os perigos reais encontram-se mais na mente do que no uso dos métodos.



## Capítulo Dois

# A interpretação iniciática da Mágicka Cerimonial

r o p

t s i e l A

y e l w o

**É** soberbamente divertido para o estudante da literatura *magística* que não seja um completo tolo – e rara é tal combinação! – notar a crítica dirigida pelos filisteus contra a cidadela de sua ciência. É verdade que, uma vez que nossa infância incutiu em nós não apenas a crença literal na Bíblia, mas também uma crença substancial nas *Alf Laylah wa Laylah (As Mil e Uma Noites Árabes)*, e que somente a adolescência pode nos curar, somos por demais suscetíveis, no ímpeto e energia do alvorecer da idade adulta, a depor áspera e temerariamente ambos estes clássicos, a considerá-los ambos no mesmo nível, como documentos interessantes do ponto de vista do folclore e da antropologia, e como nada além disto.

Mesmo quando aprendemos que a Bíblia, por meio de um estudo profundo e minucioso do texto, pode ser forçada a render arcanos cabalísticos de escopo e importância cósmicos, frequentemente somos lentos demais em aplicar uma semelhante medida restauradora ao volume acompanhante, mesmo que tenhamos a sorte de sermos detentores da edição confiável de Burton.

Resta-me, portanto, elevar mais uma vez as *Alf Laylah wa Laylah* ao lugar que lhes é próprio.

Não estou preocupado em negar a realidade objetiva de todos os fenômenos “*magísticos*”; se eles são ilusões, são ao menos tão reais quanto muitos fatos não questionados da vida diária; e se seguirmos Herbert Spencer, eles são pelo menos evidências de alguma causa.<sup>2</sup>

Ora, este fato é nossa base. Qual é a causa de minha ilusão de ver um espírito no triângulo da Arte?

Todo vago conhecedor e todo especialista em psicologia responderá: “A causa jaz em seu cérebro.”

Ensina-se às crianças inglesas (*pace* o Ato Educativo) que o Universo jaz no espaço infinito; às crianças hindus, no Akasha, o que é a mesma coisa.

Aqueles europeus que se aprofundam um pouco mais aprendem de Fichte que o universo fenomênico é a criação do Ego; aos hindus, ou aos europeus que estudam com gurus hindus, é dito que Akasha significa Chitakasa. A Chitakasa está situada no “Terceiro Olho”, isto é, no cérebro. Assumindo dimensões superiores do espaço, podemos assimilar este fato ao realismo; mas não temos necessidade de criar tanta dificuldade.

Sendo isto verdadeiro para o universo ordinário, que todas as impressões dos sentidos são dependentes de mudanças no cérebro,<sup>3</sup> devemos incluir as ilusões, que são, afinal, impressões dos sentidos tanto quanto o são as “realidades”, na classe dos “fenômenos dependentes de mudanças do cérebro”.

Os fenômenos mágísticos, contudo, se inserem em uma subclasse especial, uma vez que são intencionados, e sua causa é uma série de fenômenos “reais” chamados de operações da magia cerimonial.

Estes consistem em:

(1) Visão.

O círculo, quadrado, triângulo, recipientes, luminárias, vestimentas, implementos, etc.

(2) Audição.

As invocações.

(3) Olfato.

Os perfumes.

(4) Paladar.

Os Sacramentos.

---

2. Incidentalmente, este é talvez o maior argumento que possuímos, levado ao seu extremo, contra as teorias advaitistas.

3. O pensamento é uma secreção do cérebro (Weissman). A consciência é uma função do cérebro (Huxley).

(5) Tato.

O mesmo que em (1).

(6) Mente.

A combinação de todos estes e a reflexão sobre seu significado.

Essas impressões incomuns (1-5) produzem mudanças incomuns no cérebro; portanto, seu sumário (6) é de um tipo incomum. Sua projeção de volta ao mundo aparentemente fenomênico é portanto incomum.

Nisto consiste então a realidade das operações e dos efeitos da magia cerimonial,<sup>4</sup> e concebo que a apologia é ampla, na medida em que os “efeitos” referem-se somente àqueles fenômenos que aparecem ao próprio magista: a aparição do espírito, sua conversação, possíveis choques derivados da imprudência, e assim por diante, até mesmo o êxtase, por um lado, e a morte ou a loucura, por outro.

Mas qualquer dos efeitos descritos neste nosso livro *Goetia*<sup>5</sup> pode ser obtido, e em caso afirmativo, você pode fornecer uma explicação racional das circunstâncias? Diz que sim?

Eu posso, e o farei.

Os espíritos da *Goetia* são porções do cérebro humano.

Seus selos representam, portanto (o cubo projetado do Sr. Spencer), métodos de estimular ou regular essas regiões particulares (através do olho).

Os nomes de Deus são vibrações calculadas para estabelecer:

(a) Controle geral do cérebro. (Estabelecimento de funções relativas ao mundo sutil.)

(b) Controle sobre o cérebro em detalhes. (Categoria ou tipo do espírito.)

(c) Controle de uma porção especial. (Nome do espírito.)

Os perfumes auxiliam nisto por meio do olfato. Normalmente o perfume tenderá apenas a controlar uma área ampla; mas há uma atribuição de perfumes às letras do alfabeto, permitindo que o indivíduo, por meio de uma fórmula cabalística, soletre o nome do espírito.

Não preciso entrar em uma discussão mais particular destes pontos; o leitor inteligente pode facilmente suprir o que está faltando.

Se digo, então, com Salomão:

“O espírito Cimieries ensina lógica”, o que quero dizer é:

4. Além de seu valor para a obtenção de uma concentração focada em um só ponto. Sobre este assunto, os curiosos podem consultar meu **בראשית**.

5. O texto completo está disponível pela Magickal Child Publishing, NY, 1991. [Ed.]